

## Tamel (Santa Leocádia)

TAMEL, orago Santa Leocádia, era uma vigararia da apresentação das freiras beneditinas do convento de Viana.

Esta freguesia foi dada às freiras beneditinas pelo abade Jorge de Miranda Henriques por lhe tomarem quatro filhas e dois lugares perpétuos, de que já não há memória, segundo diz o P.<sup>e</sup> António Carvalho da Costa na sua *Corografia Portuguesa*.

*Tamel* vem do árabe *Thamel*, descuido, negligência, desprezo.

Nos documentos antigos aparece-nos às vezes este nome com a desinência *al* assim *Tamal* e *Tamial*.

O nosso Tamel é um fértil vale que se estende desde o monte do Tamel, o de Louzada e o de Alheira, até à margem direita do rio Cávado, querendo alguns que por este lado vá mais longe, até ao monte de Airó, ao da Saia e ao monte de Maio.

Neste vale estão situadas três freguesias do mesmo nome: Santa Leocádia, São Fins e São Veríssimo do Tamel, das quais vamos tratar.

A freguesia de Santa Leocádia do Tamel vem nas Inquirições de 1220 com a designação=« De Sancta Leocádia de Tamial» de Terra de Nevía.

Nelas se diz: «quod Rex nullum habet ibi Regalengum — quod Rex non est inde patronus—quod ista ecclesia habet senarias et 5 casalia Tempium 2 casalia Balneum 4 casalia Santa Maria de Gallecos 1 casale Hospitale 1 casale.

Nas Inquirições de 1258 se diz: in *parrochia Sancte Locaye de Tamial*—in *Judicato de Nevia* = que el Rey non est padrom da ecclesia, nem li fazem nullo foro. E intra y o Mayordomo dei Rey a 4 caomias. E vam ao Castello.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada no centro de um adro vedado por parede com uma entrada e respectivo fojo.

É este templozinho um edifício modesto, elevando-se à esquerda da sua fachada um pequeno torreão para dois sinos, o qual tem por baixo das sineiras uma pedra saliente com a inscrição «Ano 1851», seguindo-se a este a sacristia.

A capela-mor, de construção muito antiga, tem no sítio da cornija, de um lado e doutro, vários cachorros com figuras de animais exóticos.

No adro, a servirem de bancos, estão três tampas de sepultura, numa das quais se lê: «S. DE MEL A<sup>o</sup>», que parece ser muito antiga.

Dentro, a capela-mor, muito mais baixa que o corpo da igreja, é forrada a madeira pintada, tendo ao centro um quadro alusivo ao Sacramento, ladeado aos cantos por outros com as imagens dos evangelistas. O altar é em talha singela, pintada e doirada.

O corpo da igreja, forrado a estuque liso, foi alteado provavelmente nos meados do século XIX.

Tem dois altares laterais e uma capela do lado do evangelho: a *Capela dos Passos*, fundada no século XVI pelo abade do Salvador do Campo, Jorge de Miranda.

O sanefão do arco cruzeiro tem gravado na madeira a data 1907 e o da Capela dos Passos a data 18-2-908;

o altar do lado da epístola a data 1873 e o do lado do evangelho 18-9-1876.

Estes altares, proporcionais ao edifício, devem ter sido ali colocados logo após a reconstrução desta parte do templo.

Tem coro, púlpito e baptistério com pia de granito antiga.

Existe nesta freguesia uma cruz processional, floren-ciada, de cobre, muito antiga.

Há dois *Cruzeiros Paroquiais*: um em uma bouça ao poente da igreja e outro em um pequeno largo, junto a um caminho ao norte.

No primeiro, que deve ser o primitivo, a base e a cruz são modernos e a coluna e capitel muito antigos, tendo, porém, na base gravada em alto relevo a data 1870, com certeza a da reconstrução, e o segundo é todo moderno, mas sem data.

O *Cemitério Paroquial* foi construído ao sul da igreja, lendo-se sobre o seu portão a data 1931.

A *Residência Paroquial*, edifício antigo e modesto, fica ao sul da igreja, junto ao seu adro.

Esta freguesia, sita em planície, nas fraldas do monte da Corujeira, cabeça do do Tamel, é fertilizada pelo ribeiro do Sobra e pelo da Seara, que nascem nesta freguesia e ainda nela se juntam, formando o ribeiro de Fonte Calvo ou da Silva, afluente do Tamel ou Ponteio.

Não é servida por estrada alguma e confronta pelo norte, com a freguesia de Fragoso; pelo nascente, com a de Carapeços e a de Quintiães; pelo sul, com a da Silva e pelo poente, com a de Abade do Neiva e a de Vilar do Monte.

Os marcos divisórios de Santa Leocádia têm gravadas as letras S. B. (São Bento) por desta freguesia ser padroeiro um Convento da Ordem daquele patriarca.

A sua população no século XVI era de 39 moradores; no século XVII era de 76 vizinhos; no século XVIII era de 67 fogos; no século XIX era de 260 habitantes e actualmente é de 281 habitantes, sendo 112 varões e 169 fêmeas, sabendo ler 33 homens e 5 mulheres, havendo pois 243 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Varziela, Souto, Laranjal, Vinha, Fonte, Poço, Rua, Renda, Lixo, Zenha, Barreiro, Matos, Penha Longa, Igreja, Tarrio, Requião, Mórfeito, Sobrado e Escairo.

As suas casas mais importantes são: a do Rego, a da Penha Longa, a de Tarrio, a do Sobrado e a do Baptista.

Há algumas azenhas, uma loja de comércio, Caixa do Correio e Escola Oficial mista de um lugar, que funciona em casa própria.

No alto de uma pequena bouça, junto à Linha Férrea do Minho e Douro, apareceram canos, sepulturas de tijolos, etc., indicativos da passagem de povos antigos por estes sítios.

No Cimo da Corujeira houve uma capelinha dedicada a S. Tomé, da qual apenas hoje existem vagos vestígios.

Conta-se que nesta freguesia viveram em tempos remotos, *no tempo ainda da Inquisição*, certos fidalgos, grandes caçadores, como bons fidalgos que eram, mas pouco católicos, como se vai ver do facto por eles praticado, que vamos narrar.

Um dia, andando estes fidalgos à caça no alto do monte da Corujeira, encovou-se um coelho e faltando-lhes furão meteram o santo da capelinha que ficava perto, dentro da toca do animal.

Isto soube-se e eles foram presos à ordem daquele terrível Tribunal e nunca mais apareceram nesta freguesia, sendo os seus bens repartidos por outros fidalgos seus parentes.

As velhas aldeãs contam esta mirífica história, horrorizadas com o sacrilégio dos fidalgos daquele tempo, antepassados dos marxistas espanhóis pelo seu acto, satisfeitas, porém, com o tremendo castigo que lhes foi infligido.

Pela minha parte ponho muito em dúvida a veracidade desta história, pois os nossos antigos fidalgos foram sempre bons católicos, incapazes de praticarem tais irreverências com os santos, e se a ela me refiro é para encher mais alguns *linguados*, alongando assim a história desta freguesia, tão falha dela.